



ARTIGOS / ARTICLES

O HUMANO E A POSSIBILIDADE DE VIVER SEGUNDO O ΛΟΓΟΣ

The Human and the Possibility to Live According to ΛΟΓΟΣ

Anastácio Borges de Araújo Junior¹

Ao Professor Enrico Berti (In Memoriam),
gradidão pelos ensinamentos.

RESUMO: Este artigo trata da relação do humano com aquilo que lhe é mais específico, o λόγος. Termo de difícil tradução, λόγος possui muitos significados, entre eles, discurso, linguagem, palavra, fala, racionalidade, inteligência, cálculo, raciocínio, argumentos, proposição, frase, definição etc. Entretanto, o sentido primitivo do verbo λέγειν é o de reunir, colher e, também, distinguir. Ora, tais sentidos primitivos performativos irão, pouco a pouco, avançar nos domínios do pensar e do dizer, resultando no movimento próprio do pensamento e de sua expressão. Assim, tentaremos mostrar, depois examinar algumas imagens oriundas dos diálogos platônicos, que tal capacidade permite ao humano compreender as coisas e, também, a si próprio. Entretanto, como o humano possui outros princípios naturais que regem o seu movimento, esta possibilidade de atividade segundo o λόγος permanecerá, sempre, uma possibilidade entre outras. Viver segundo o λόγος requer uma decisão prática que estará sob ameaça constante e que, por isso, deve ser uma atitude perseverante.

PALAVRAS-CHAVE: Platão; λόγος; Pensar; Dizer; Decisão Prática.

ABSTRACT: This paper examines the relation between the human beings and what is the most specific to it: the λόγος. Although difficult to be translated, the λόγος has many meanings, such as discourse, language, word, speech, rationality, intelligence, calculation, reasoning, argument, proposition, sentence, definition etc. Nonetheless, the original meaning of the verb λέγειν is: to put together, to pick, and distinguish. These primitive and performative meanings, which progressively advanced and entered the domains of thinking and saying, transformed themselves in the movement of thought and language. Thus, we will try to show, based on some images from the Platonic dialogues, that this capacity brings the human beings to understand both the things and themselves. Nevertheless, as the human beings are endowed with other natural principles responsible for their action, the possibility of activity according to the λόγος will always remain a possibility between others. Therefore, to live according to the λόγος requires a practical decision, which will be under a constant menace; consequently, it must become a perseverant attitude.

KEYWORDS: Plato; λόγος; To think; To say; Practical decision.

¹ Doutor em filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professor de filosofia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: abaraujojr@uol.com.br

Grosso modo, o humano, tal qual surge nos diálogos de Platão, é um vivente natural, um ser vivo, isto é, um corpo animado. Enquanto composto, possui corpo, alma e está em relação com as coisas exteriores. Desse modo, a antropologia platônica, sugerem Brisson e Pradeau², estaria marcada pelo cruzamento destas três áreas de investigações: a psicológica descrevendo-o pela perspectiva da alma e do cuidado de si (como nos diálogos *Alcebiades* e *Fédon*), a física que se refere, principalmente, à influência do corpo e seu tratamento (como no *Górgias* e no *Timeu*) e a tecnológica que caracteriza o domínio das atividades (desenvolvida, sobretudo, no *Protágoras* e no *Político*).

Claro que esquemas didáticos como esse são, sempre, simplificadores e possuem pontos inconsistentes com relação à complexidade dos diálogos de Platão. Por exemplo, sabemos que o *Fédon* está repleto de referências ao tratamento que se deve dar ao corpo ou, ainda, que o *Górgias* possui uma dimensão técnica com a qual Sócrates refuta a concepção da retórica como um saber, mostrando a retórica como uma espécie de adulação, entre muitos outros exemplos que poderíamos trazer aqui. Entretanto, utilizando este esquema apenas para introduzir o tema do humano em suas dimensões mais evidentes, teríamos que ter em mente que existem obras, tal como a *República*, na qual essas mesmas dimensões estão de tal modo emaranhadas que seriam, por assim dizer, aspectos inextricáveis de uma mesma unidade existencial, o humano.

Na *República*, o agir correto (*δικαιοσύνη*), a retidão, implica agir de acordo com unidade da alma que só é alcançável, dentro do possível, quando o elemento raciocinante³ assume o comando da alma e governa as outras partes. Esse elemento pensante, é a própria inteligência, que é o único capaz de harmonizar, dentro do possível, as diferentes vozes da alma. Ou seja, só o pensamento possui a capacidade de visão de conjunto e da singularidade de cada um dos elementos que compõe o todo e, isso, de maneira simultânea. Isso acontece, pela possibilidade de sincronismo analítico e sintético do *lóγος*. Voltaremos a esse ponto mais à frente.

Entretanto, à parte essas considerações, devemos concordar com Brisson e Pradeau, que o humano, entre o divino e o animal, é um vivente peculiar ao qual é dado pensar e

² Ver o verbete *Homme*, ἄνθρωπος In BRISSON, Luc et PRADEAU, Jean-François. *Dictionnaire Platon*. Paris; Ellipses, 2007, pág. 69-72. Preferimos traduzir o termo ἄνθρωπος por ‘humano’, pois, a palavra, no grego, pode se referir tanto ao homem como à mulher, ou seja, podendo ser determinado pelos pronomes masculino e feminino (ὁ e ἡ) e, ainda, por ser uma tradução mais inclusiva. Ver, por exemplo, ARISTOTE. *Métaphysique*. Présentation et traduction par Marie-Paule Duminil et Annick Jaulin. Paris: Flammarion, 2008, pág 71 que traduz o conhecido início da *Metafísica* (A, 980 a 21 e ss.) por: “Tous les humains ont par nature le désir de savoir.”

³ Na *República*, o elemento da alma capaz de cálculo, raciocínio e de levar em consideração alguma coisa é chamado de λογιστικόν, ver 439 d3 e seguintes.

isto significa, também, conceber e desejar coisas perfeitas, tais, como as, célebres, realidades inteligíveis. E, desse modo, pensar, pensar o humano, pensar a si próprio são preocupações onipresentes nas discussões filosóficas dos diálogos escritos por Platão. Vejamos, por exemplo, como o personagem Sócrates⁴ expressa essa temática no *Fedro*, ao ser interpelado pelo personagem homônimo se acaso ele acreditava nas narrativas míticas:

(...) ainda não sou capaz de, segundo a inscrição délfica, conhecer-me a mim mesmo; ridículo então se me afigura, quando isto ainda ignoro, examinar o que é de outro domínio. Daí é que, tendo deixado livres esses mitos e confiado no que se acredita a seu respeito [consagrado pelo costume], faço exame não deles, mas de mim mesmo, se acaso não sou um bicho [uma fera] mais complicado e mais nebuloso [cheio de fumo, pretensioso] que Tífon, ou se um animal [um vivente] mais manso e simples, por natureza partilhando de não sei que divino e desanuviado [sem fumos, despretensioso] destino.⁵

Eis então, no diálogo *Fedro*, a preocupação filosófica fundamental acerca de quê coisa é o humano. Uma fera complexa e fumegante ou um ser cordato e simples? Afinal, como dizia o poeta⁶, que coisa é o humano que há sob o nome? Sócrates, persegue, aqui, sua conhecida missão de servir ao divino, examinando os humanos para que eles não tomem suas opiniões inconsistentes por sabedoria. Compartilhando sua profunda compreensão de sua própria ignorância com todos os outros humanos. Fazendo o exame das almas, atividade que dignifica a própria vida dos humanos, Sócrates refuta as opiniões superficiais, forçando todos a entrarem em contato com o não saber e forçando todos a investigar melhor aquilo que não sabem. Entre as questões fundamentais, investigar que coisa é o humano, interpretando o célebre ‘conhece-te a ti mesmo’, complementando-o com a tarefa do ‘cuidado de si mesmo’ que tem uma formulação canônica na *Apologia de Sócrates*⁷, quando o personagem tenta persuadir os atenienses a cuidarem da alma buscarem a excelência.

⁴ O Sócrates aqui é, sempre, o personagem dos diálogos de Platão, acerca do qual é difícil saber em que medida possui e quais são os traços do Sócrates histórico.

⁵ PLATÃO. *Fedro*. 229 e – 230 Tradução e apresentação José Cavalcante de Souza; posfácio e notas de José Trindade Santos. São Paulo: Editora 34, 2016, págs. 29 – 30, colchetes nossos. οὐ δύναμαί πω κατὰ τὸ Δελφικὸν γράμμα γνῶναι ἑμαυτόν: γελοῖον δὴ μοι φαίνεται τοῦτο ἔτι ἀγνοοῦντα τὰ ἀλλότρια σκοπεῖν. ὅθεν δὴ χαίρειν ἕασας ταῦτα, πειθόμενος δὲ τῷ νομιζομένῳ περὶ αὐτῶν, ὁ νυνδὴ ἔλεγον, σκοπῶ οὐ ταῦτα ἀλλ’ ἑμαυτόν, εἴτε τι θηρίον ὄν τυγχάνω Τυφῶνος πολυπλοκότερον καὶ μᾶλλον ἐπιτεθυμμένον, εἴτε ἡμερώτερόν τε καὶ ἀπλούστερον ζῶον, θείας τινὸς καὶ ἀτύφου μοίρας φύσει μετέχον.

⁶ Refiro-me, aqui, à poesia ‘Especulações em torno da palavra homem’ de Carlos Drummond de Andrade que escutei, ainda jovem, recitada nas aulas de Antropologia de meu amigo e mestre Arthur Shaker, na Pontifícia Universidade de São Paulo, no ano de 1986.

⁷ Ver PLATÃO. *Apologia de Sócrates* 30 a7 – b4. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2015.

Desta forma, Sócrates declara seu amor à humanidade e baseado nesse amor e no compromisso consigo mesmo, declara que, jamais, abandonará a filosofia, mesmo que tenha que morrer muitas vezes. Assim podemos compreender por que Sócrates dedica-se à filosofia, pois, para ele, a filosofia pode fazê-lo melhor, na busca da excelência, para o benéfico convívio consigo mesmo e com os outros humanos, tornando-se útil a todos:

Ó homens atenienses, vos acolho com afeição e vos amo, porém sou mais obediente ao deus do que a vós, e enquanto tiver alento e capacidade, não deixarei de filosofar e de exortar a qualquer um de vós que eu venha a encontrar, falando-lhe sempre da minha maneira habitual: ‘Caro amigo, tu, na qualidade de cidadão de Atenas, a maior e mais famosa cidade, por seu poder e sabedoria, não te envergonhas de só te preocupares com a riqueza e como ganhar o mais possível e com a fama e a honra, de não te importares com a prudência e a verdade e de não cuidares da alma para torná-la melhor?’⁸

Ser obediente ao deus, significa, aqui, viver segundo o *λόγος* e exortar os humanos a viverem da mesma maneira. Esta é a convicção socrática tal como foi representada por Platão nos diálogos, a *epistémē* socrática, aquilo que sustenta seu pensamento, palavra, escolha e ação. Essa parece ser, nas falas de Sócrates, a melhor escolha para aqueles, como nós, humanos, que precisam fazer a travessia da vida. Entretanto, antes de viver segundo o *λόγος*, ou melhor, para aqueles que, ainda, não sabem o que é o humano, é preciso, antes, descobrir o que ele é e, depois, observar o que significa viver segundo o *λόγος*, isto é, viver na filosofia⁹.

Para mostrar o que é o humano, Platão utiliza-se de muitas imagens no decorrer dos diálogos. Neles encontramos as várias ‘metáforas da alma’¹⁰, que ilustram a antropologia platônica e que sugerem as múltiplas tendências que constituem, influenciam e, por vezes, determinam o humano.

⁸ Ap., 29 d2 – e2. Tradução com algumas alterações nossa. “ὦ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, ἀσπάζομαι μὲν καὶ φιλοῶ, πείσομαι δὲ μᾶλλον τῶ θεῷ ἢ ὑμῖν, καὶ ἕωσπερ ἂν ἐμπνέω καὶ οἶός τε ὦ, οὐ μὴ παύσωμαι φιλοσοφῶν καὶ ὑμῖν παρακελεύομένός τε καὶ ἐνδεικνύμενος ὅτῳ ἂν αἰεὶ ἐντυγχάνω ὑμῶν, λέγων οἷάπερ εἴθθα, ὅτι ‘ὁ ἄριστος ἀνδρῶν, Ἀθηναῖος ὢν, πόλεως τῆς μεγίστης καὶ εὐδοκιμωτάτης εἰς σοφίαν καὶ ἰσχύν, χρημάτων μὲν οὐκ αἰσχύνῃ ἐπιμελούμενος ὅπως σοὶ ἔσται ὡς πλεῖστα, καὶ δόξης καὶ τιμῆς, φρονήσεως δὲ καὶ ἀληθείας καὶ τῆς ψυχῆς ὅπως ὡς βελτίστη ἔσται οὐκ ἐπιμελήῃ οὐδὲ φροντίζεις;”

⁹ ARAÚJO JÚNIOR, Anastácio Borges de. “O significado de viver na filosofia, segundo Sócrates no ‘Górgias’.” In: Hector Benoit. (Org.). *Linguagem e Pensamento: dos antigos a posteridade*. São Paulo: Annablume, 2019, v. 01, p. 27-46.

¹⁰ Permito-me, aqui, remeter o leitor a nossa Dissertação de Mestrado, *Platão e Freud: as metáforas da alma humana*, defendida em 1999, no âmbito do Mestrado em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação do Prof. Dr. Jesus Vazquez Torres e co-orientação do Prof. Dr. Zeferino Rocha. Esta Dissertação está disponibilizada, na internet, pela Biblioteca Central daquela mesma Universidade.

Poderíamos lembrar, como exemplo clássico, da alma como uma parelha alada de cavalos alados no diálogo *Fedro*, conduzida por um auriga. Tal conjunto, antes de cair no corpo atual, vê a procissão divina com seus muitos deuses. Um cavalo é negro, felpudo e de difícil condução o outro é branco, atento e dócil. O condutor da carruagem é o princípio inteligente, capaz de pensamento, de se opor a si mesmo e de tentar harmonizar o conjunto que, muitas vezes, tende ao desequilíbrio, devido a diferença entre os elementos mais animais, que representam os apetites e os desejos irascíveis.

Outra célebre metáfora, é a imagem que Sócrates pede a Glauco para que ele modele no *lóγος*, isto é, em pensamento-palavra, no final do livro IX da *República*, numa longa passagem, na qual Sócrates recapitula e conclui, resumindo tudo que foi discutido nesse complexo diálogo acerca da alma e o que lhe acontece internamente e de modo não visível, quando o humano resolve agir de modo justo ou de modo incorreto:

Sócrates — Plasmando no discurso uma imagem da alma, a fim de que o autor daquela tese [de que é melhor ser injusto, mantendo a reputação de justo] possa ver o que dizia.

Glauco — Que imagem?

Sócrates — Uma semelhante, em natureza, aquelas que surgiam nas narrativas antigas, como a Quimera, Cila, Cérbero e muitos outros, que, segundo contam, reuniam aspectos múltiplos numa totalidade.

Glauco — É o que dizem.

Sócrates — Modela uma única espécie de monstro multiforme e policéfalo, dispostas em círculo, cabeças de animais domesticados e ferozes, e que seja capaz de transformar e fazer brotar a partir de si todos esses tipos.

Glauco — Trabalho de um modelador terrível: todavia, visto que o discurso é mais fácil de modelar do que a cera ou qualquer outro material, dê-se por modelado.

Sócrates — Modela agora uma outra forma, de leão, e uma de humano, de modo que a primeira seja muito maior, e a segunda seja segunda em grandeza.

Glauco — Isso é mais fácil. Está modelado.

Sócrates — Junta, então, essas três formas numa só, de modo que, umas com as outras, componham um todo único.

Glauco — Estão reunidas.

Sócrates — Embrulha, agora, elas no seu todo, do exterior, com uma imagem única, a de um humano, de modo que impotente de ver o interior, mas para aquele que só veja o envelope exterior, pareça um único vivente, um humano.

Glauco — Está embrulhado.

Sócrates — Digamos, então, àquele que afirma que é vantajoso para este humano ser injusto, e que não há nenhum ganho em agir justamente, que ele não diz outra coisa senão que é vantajoso para ele alimentar e fortalecer a fera de mil formas, o leão e os que estão em sua volta, matando à fome e enfraquecendo o humano, de modo que cada um dos outros o arraste para onde quiser, sem contribuir para os habituar um com o

outro, nem os fazer amigos, mas deixa-os morder-se entre si e devorar-se reciprocamente em luta.¹¹

Se Sócrates, aqui, estivesse respondendo a sua própria indagação feita, como vimos, no *Fedro*, ele mostraria que o humano é um ser complexo, que tem aspectos fumegantes, cheio de apetites, outro irritável, orgulhoso e desejoso de fama e isso tudo junto com uma consciência de si mesmo, com capacidade de fala e de se opor a si mesmo. Assim o humano porta em si mesmo elementos de sua natureza animal e, até bestial, mas que possui uma frágil possibilidade de fazer, todos esses elementos, amigos uns dos outros, isto é, harmonizá-los. Ou seja, só o ‘humano dentro do humano’, isto é, o elemento específico e essencial do humano que pode reencaminhá-lo para sua própria humanidade. Claro que poderíamos, aqui, em nossa pesquisa, desenvolver os outros princípios constitutivos e presente em nossa humanidade, mas, isto, nos levaria longe demais em nossa investigação¹². Entretanto, vamos ao que nos interessa: o que é, então, o humano dentro do humano?

Parece-nos que só há uma resposta para essa indagação: é a possibilidade de viver segundo o *λόγος*. Quer dizer, entre as várias possibilidades e tipos de vida, viver segundo o *λόγος* é escolher a vida examinada, aquele na qual se pensa sobre si e sobre a própria vida. Isto é, entre a possibilidade extrema de viver à serviço dos apetites e desejos que são, de certo modo, insaciáveis, e que para Platão representa uma vida de escravidão, como a vida paradigmática do tirano. Entre a possibilidade da vida democrática que não possui princípios e que vive de desejo em desejo, entregue ao prazer libertino do momento. Entre a possibilidade da vida oligárquica que cultiva o ideal de riquezas e

¹¹ PLATÃO. República. 588 b6 – 589 a2. Colchetes e tradução nossa a partir Platonis Opera, ed. John Burnet. Oxford University Press, 1903 e cotejamento com as traduções portuguesas de Maria Helena da Rocha Pereira e Carlos Alberto Nunes e, também, com a italiana de Mario Vegetti. εικόνα πλάσαντες τῆς ψυχῆς λόγῳ, ἵνα εἰδῆ ὁ ἐκεῖνα λέγων οἷα ἔλεγεν. ποίαν τινά; ἢ δ' ὅς. τῶν τοιούτων τινά, ἦν δ' ἐγώ, οἷαι μυθολογοῦνται παλαιαὶ γενέσθαι φύσεις, ἣ τε Χιμαίρας καὶ ἡ Σκύλλης καὶ Κερβέρου, καὶ ἄλλαι τινὲς συχναὶ λέγονται συμπεφυκυῖαι ιδέαι πολλαὶ εἰς ἓν γενέσθαι. λέγονται γάρ, ἔφη. πλάττε τοίνυν μίαν μὲν ιδέαν θηρίου ποικίλου καὶ πολυκεφάλου, ἡμέρων δὲ θηρίων ἔχοντος κεφαλᾶς κύκλω καὶ ἀγρίων, καὶ δυνατοῦ μεταβάλλειν καὶ φύειν ἐξ αὐτοῦ πάντα ταῦτα. δεινοῦ πλάστου, ἔφη, τὸ ἔργον: ὅμως δέ, ἐπειδὴ εὐπλαστότερον κηροῦ καὶ τῶν τοιούτων λόγος, πεπλάσθω. μίαν δὴ τοίνυν ἄλλην ιδέαν λέοντος, μίαν δὲ ἀνθρώπου: πολὺ δὲ μέγιστον ἔστω τὸ πρῶτον καὶ δεύτερον τὸ δεύτερον. ταῦτα, ἔφη, ῥάω, καὶ πέπλασται. σύναπτε τοίνυν αὐτὰ εἰς ἓν τρία ὄντα, ὥστε πῆ συμπεφυκέναι ἀλλήλοις. συνῆπται, ἔφη. περίπλασον δὴ αὐτοῖς ἔξωθεν ἑνὸς εἰκόνα, τὴν τοῦ ἀνθρώπου, ὥστε τῷ μὴ δυναμένῳ τὰ ἐντὸς ὄραν, ἀλλὰ τὸ ἔξω μόνον ἔλυτρον ὄρωντι, ἐν ζῶον φαίνεσθαι, ἄνθρωπον. περιπέπλασται, ἔφη. λέγωμεν δὴ τῷ λέγοντι ὡς λυσιτελεῖ τούτῳ ἀδικεῖν τῷ ἀνθρώπῳ, δίκαια δὲ πράττειν οὐ συμφέρει, ὅτι οὐδὲν ἄλλο φησὶν ἢ λυσιτελεῖν αὐτῷ τὸ παντοδαπὸν θηρίον εὐωχοῦντι ποιεῖν ἰσχυρὸν καὶ τὸν λέοντα καὶ τὰ περὶ τὸν λέοντα, τὸν δὲ ἄνθρωπον λιμοκτονεῖν καὶ ποιεῖν ἀσθενῆ, ὥστε ἔλκεσθαι ὅπῃ ἂν ἐκείνων ὀπότερον ἄγῃ, καὶ μὴδὲν ἕτερον ἐτέρῳ συνθεῖζειν μὴδὲ φίλον ποιεῖν, ἀλλ' ἔαν αὐτὰ ἐν αὐτοῖς δάκνεσθαι τε καὶ μαχόμενα ἐσθιῖν ἀλλήλα.

¹² Indico o excelente artigo de LAURENT, Jérôme. “L’Animalite de L’Homme selon Platon” IN Archai, 2013, n.11, jul-dez, p. 79-90.

acúmulo de bens. E, finalmente, entre a vida timocrática entregue aos valores da fama e da honra, guiada pelo desejo destemperado de reconhecimento. Entre todas as possibilidades, escolher ser humano. Resgatar o humano dentro do humano é escolher a nossa própria forma de vida. E por ser a nossa mais própria forma de vida, leva-nos a uma certa pacificação, um certo contentamento. Resgatar a vida frágil e afável, aberto a dúvida, mas com certa convicção de estar fazendo a coisa correta. Escolher a vida humana é a escolha mais difícil e trabalhosa, de certo modo, reconhecer entre todas as vivências afetivas, a rara possibilidade humana, a vida segundo o *λόγος*. E qual é, então, o sentido próprio do *λόγος*?¹³

O substantivo *λόγος* tem parentesco com o verbo *λέγειν*, cujo sentido primitivo é o de reunir, juntar, agrupar, colher, recolher e, também, escolher e pinçar. Quer dizer, *λέγω* significa *num único movimento reunir por similaridade e separar por diferença*, esse ato fundamentalmente humano ao ser performado exibiu para o próprio humano a sua possibilidade fundamental que se torna pensamento e a linguagem se expressa em som articulado, fala. Interessante, como esse duplo movimento de *síntese* e *análise* expressam os dois movimentos básicos do pensamento - *synairesis* e *diairesis* - que irão compor a dialética nos seus movimentos investigativos que capacitam o humano a perguntar e responder. Apropriando-se dessa capacidade humana de pensar podemos escolher a vida de investigação, isto é, a vida filosófica.

Escolher a vida filosófica é eleger, segundo Platão, a vida dos melhores, a vida dos humanos livres, a vida aristocrática, a vida dos que amam o saber e vivem segundo a reflexão que permite, senão a vida sábia, a vida *zetética* que se encaminha, cotidianamente, na atividade de pensamento, na direção do divino, do perfeito. A atividade do pensamento, no seu duplo aspecto de síntese e análise, no seu movimento próprio chamado dialético, fundamenta o ser do humano no mundo, junto aos outros humanos. A vida segundo o *λόγος* é a mais própria das atividades humanas, pois, entrega-se aos ideais da Inteligência que busca a vida prudente, equilibrada e norteadas no agir segundo os valores de beleza e de bondade. Vejamos, então, para finalizar, como em Aristóteles a temática do humano e do *λόγος* estão associadas.

¹³ Sobre o *λόγος* remeto-lhes aos trabalhos de Michel Fattal, em especial ao texto ‘Le Logos et les origines de la philosophie en Occident: Héraclite et Parménide’ acessível dia 06 de janeiro de 2022 em https://academiesavoie.org/images/discours/Le_logos_et_les_origines_de_la_philosophie_en_occident_m_fattal.pdf

Aristóteles ao definir o humano, na célebre passagem da *Política*, o faz não como um ser isolado, mas pertencente a um rebanho, que vive na relação com os outros humanos, animal político para o qual a natureza preparou o *λόγος*. “O humano é o único entre os seres vivos que possui *λόγος*”¹⁴. O humano possui pensamento e o comunica pelos sons que são articulados, sons esses com sentido. O humano é um vivente da comunidade de humanos que pensa, raciocina, escolhe, delibera e se expressa através do discurso. Participa das sensações do prazer e da dor, como outros animais, mas, também, do que é conveniente e prejudicial, justo e injusto, enfim do bem e do mal. E no oceano de palavras que nos encontramos, Aristóteles, assim como seu mestre Platão, acha necessário subordinar as palavras ao bem, por isso a sua exigência de univocidade¹⁵. Se as palavras são em número finito e as coisas em número infinito, logo, a equivocidade estará, sempre, presente. É necessário esclarecer os sentidos das palavras, estabelecer um solo de univocidade para tentar minimizar as ambiguidades dos discursos para tentar evitar o mal-entendido.

Se o *λόγος* é o atributo essencial e natural do humano, podemos compreender por que o humano sendo compreensão e linguagem, é, também, possibilidade de investigação, ação e produção. Natureza pensante que pode compreender o que é ela mesma e suas possibilidades de entendimento, ação e produção. Ou seja, o princípio de movimento do humano, o *λόγος*, é a partir do qual o humano vem a ser, compreendendo o que ele mesmo é e a partir do qual ele está, sempre, em movimento na direção de suas possibilidades de conhecer, agir e produzir. E Aristóteles, no livro Gama (ou quarto) da *Metafísica*, estabelece o princípio ontológico das coisas que são, isto é, princípio de todos os seres, através da formulação do célebre princípio da não-contradição que tornar-se-á no humano princípio do conhecimento. O princípio da não-contradição é assim formulado:

é impossível que a mesma coisa pertença [seja atribuída] e não pertença [e não seja atribuída] ao mesmo tempo à mesma coisa [ao mesmo subjacente] e segundo o mesmo aspecto¹⁶

¹⁴ ARISTÓTELES. *Política*, I 2, 1253 a 9-10. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2019. *λόγον δὲ μόνον ἄνθρωπος ἔχει τῶν ζῴων*

¹⁵ Ver o belíssimo artigo de AUBENQUE, Pierre. “Aristote et le Langage” IN *Problèmes Aristotéliens*. I Philosophie Théorique. Paris: Vrin, 2009, págs. 11 – 30.

¹⁶ ARISTÓTELES, *Metafísica* Γ 3, 1005 b 19-20, tradução nossa na qual mesclamos as traduções de Berti, Enrico 2013 e Angioni, Lucas 2007 para mostrar duas leituras que se opõem, ao mesmo tempo, em que se complementam, a primeira mais ontológica observando pela perspectiva do ser e a segunda mais analítica, observando pela perspectiva do conhecer. De agora em diante *Metaph.* acompanhado do passo e texto grego em nota de rodapé: τὸ γὰρ αὐτὸ ἅμα ὑπάρχειν τε καὶ μὴ ὑπάρχειν ἀδύνατον τῷ αὐτῷ καὶ κατὰ τὸ αὐτό

Aristóteles, então, afirma que esse princípio tem as seguintes características: é o princípio mais firme (*βεβαιότητα*), sobre o qual é impossível enganar-se (*διαψευσθῆναι ἀδύνατον*), sendo o mais conhecido princípio (*γνωριμωτάτην*), não hipotético (*ἀνυπόθετον*), estabelecendo que esse princípio é um axioma (*ἀξίωμα*). Quer dizer esse princípio tem valor e validade, pois se refere a todos os seres. Com relação ao humano, na sua especificidade de ser um animal que possui *λόγος*, tal princípio se desdobrará num princípio do conhecimento. Eis, aquilo que chamamos a ambivalência que caracteriza o princípio da não-contradição, na medida em que ele versa sobre o ser das coisas, mas, também, e por consequência direta, no conhecer humano das coisas que são. Ambivalência que se dá em dois domínios conexos que fundamenta a estreita relação entre ser e pensar. Isso parece ser totalmente confirmado pelo próprio desenvolvimento argumentativo do terceiro capítulo do mesmo livro da *Metafísica* no qual Aristóteles parece reformular o princípio, configurando-o, agora, pela perspectiva do conhecimento:

Se não é possível que os contrários pertençam contemporaneamente a uma mesma coisa (considerem-se acrescentados por nós, nesta premissa, todos os acréscimos de costume), e se são contrárias entre si as opiniões contraditórias, evidentemente é impossível que a mesma pessoa contemporaneamente entenda que a mesma coisa seja e não seja. Pois, quem errasse a esse respeito teria contemporaneamente opiniões contrárias.¹⁷

O humano, como um ser pensante e dedicado ao conhecimento, está submetido à lei do princípio de realidade que determina que algo e seu contrário não podem contemporaneamente pertencer à outra coisa. Assim, dessa impossibilidade real deriva uma impossibilidade cognitiva, psicológica ou lógica. Ao humano, como um ser entre outros seres, não pode, contemporaneamente, pertencer uma opinião e o seu contrário sobre uma coisa qualquer. Ou seja, ao humano enquanto capacidade de pensamento, isto é, *λόγος*, não é possível pertencer coisas contrárias.

O *λόγος* é o princípio mais firme (*βεβαιότητα*). O termo *βέβαιος* significa, literalmente, ‘aquilo sobre o qual podemos andar’, ou seja, uma espécie de terra firme na qual temos alguma segurança, um fundamento, um abrigo confiável, um refúgio. Diante da

¹⁷ *Metaph.* Γ 3, 1005 b 26 - 32, εἰ δὲ μὴ ἐνδέχεται ἅμα ὑπάρχειν τῷ αὐτῷ τὰναντία (προσδιορίσθω δ' ἡμῖν καὶ ταύτη τῇ προτάσει τὰ εἰωθότα) , ἐναντία δ' ἐστὶ δόξα δόξη ἢ τῆς ἀντιφάσεως, φανερόν ὅτι ἀδύνατον ἅμα [30] ὑπολαμβάνειν τὸν αὐτὸν εἶναι καὶ μὴ εἶναι τὸ αὐτό: ἅμα γὰρ ἂν ἔχοι τὰς ἐναντίας δόξας ὁ διεψευσμένος περὶ τούτου.

inconstância das estações e mudanças do mundo, o pensamento é o mais confiável princípio, ao qual devemos dar crédito. O mastro no qual Ulisses se fixou para fazer a travessia segura do canto das sereias, a travessia da vida.

O *λόγος* é, também, aquilo sobre o qual é impossível se enganar (*διαμευσθῆναι ἀδύνατον*), aquilo que não poderá falsificar nossa compreensão e nosso discurso silencioso, que é o pensar. Se o humano não puder contar consigo mesmo, com o seu próprio pensamento e compreensão, nada mais seria confiável e a vida seria uma experiência vã, sem sentido e absurda. Assim, o pensamento é, para Aristóteles, a menos decepcionante das experiências humanas.

O *λόγος* é, ainda, o princípio mais conhecido para os humanos (*γνωριμωπάτην*), aquele que lhe é mais familiar, íntimo, de si para consigo, princípio interno de mudança e origem dos movimentos humanos que têm início na própria compreensão. Os saberes teóricos, práticos e produtivos decorrem da compreensão e do pensamento. Por isso, no primeiro livro da *Metafísica*, Aristóteles diz que, além das sensações e da experiência, “o gênero dos humanos vive da arte e de reflexões”¹⁸

Por último, o *λόγος* é um princípio não hipotético (*ἀνυπόθετον*), quer dizer, ele não é uma hipótese, ou uma proposta, algo que está submetido a condições, tal como uma sugestão ou suposição. Ou seja, para Aristóteles não se trata de um modo de resolver um problema, um artifício, mas algo real que sustenta a realidade e nossa conexão com a própria realidade. Como diz Jonathan Lear, “imaginem o quão frustrante seria ter nascido com o desejo de entender num mundo que não cooperasse! (...) Aristóteles tem muita fé no mundo: de fato, sua filosofia é uma tentativa de devolver o mundo a criaturas que desejam entendê-lo”.¹⁹

Sendo assim, Platão e Aristóteles convergem nas suas formulações sobre a melhor vida humana, aquela mais equilibrada, razoável e feliz é a vida segundo o *λόγος*. Claro que teremos que estar atentos ao fato de que Aristóteles designará, na *Ética a Nicômaco*²⁰, dois modos de vida feliz segundo a racionalidade. O primeiro, a vida prudente, será a vida baseada na atividade de excelência intelectual, uma espécie de felicidade cotidiana ligada ao agir que se realiza nas belas e boas ações. A segunda, a vida sábia é guiada pela busca de saber teórico que não visa nada senão o próprio saber, atividade da parte melhor e

¹⁸ *Metaph.* A 1, 980 b 28-29, τὸ δὲ τῶν ἀνθρώπων γένος καὶ τέχνη καὶ λογισμοῖς.

¹⁹ LEAR, Jonathan. *Aristóteles: o desejo de entender*. São Paulo: Discurso editorial, 2006, pág. 25.

²⁰ Ver ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, VI 7, 1141 a16 Tradução Antônio de Castro Caeiro. São Paulo: Atlas, 2009.

divina do humano, atividade intelectual superior do *λόγος* que reflete o divino nele e que pertence ao próprio humano.

Talvez, depois desse percurso que fizemos, estejamos em melhores condições para compreender a suposta brincadeira que Sócrates faz, no diálogo *Crátilo*, com a origem etimológica do termo ‘humano’, *ἄνθρωπος*:

O nome ‘*ánthropos*’ (humano) sinaliza, em relação aos animais selvagens, que esses últimos nem observam atentamente, nem pensam para o alto (analogizetai, ‘ana’ = movimento para cima), nem reconsideram aquilo que veem, enquanto aqueles, os humanos, uma vez que viram, isto é, ‘*ópope*’, reconsideram e pensam acerca do que viram. Eis então, porque, entre todos os animais, o humano é, corretamente, denominado ‘*ánthropos*’, aquele que reconsidera o que viu (an-athron ha opepe).²¹

Referências

ARAÚJO JÚNIOR, Anastácio Borges de. “O significado de viver na filosofia, segundo Sócrates no 'Górgias'.” In: BENOIT, Hector. (Org.). *Linguagem e Pensamento: dos antigos a posteridade*. São Paulo: Annablume, 2019, v. 01, p. 27-46.

ARAÚJO JÚNIOR, Anastácio Borges de. *Platão e Freud: as metáforas da alma humana*. Dissertação de Mestrado defendida em 1999, no âmbito do Mestrado em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação do Prof. Dr. Jesus Vazquez Torres e co-orientação do Prof. Dr. Zeferino Rocha. Esta Dissertação está disponibilizada, na internet, pela Biblioteca Central daquela mesma Universidade.

ARISTOTE. *Métaphysique*. Présentation e traduction par Marie-Paule Duminil et Annick Jaulin. Paris: Flammarion, 2008.

ARISTÓTELES, *Metafísica*. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2002.

ARISTÓTELES, *Metafísica*. Tradução Lucas Angioni. Campinas, UNICAMP IFCH, 2001.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, VI 7, 1141 a16 Tradução Antônio de Castro Caieiro. São Paulo: Atlas, 2009.

ARISTÓTELES. *Política*. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2019.

²¹ PLATÃO. *Crátilo*, 399 c1 – c6. Tradução nossa a partir da versão Mexicana de Ute Schmidt Osmanczik. México D. F.: UNAM, 1988. σημαίνει τοῦτο τὸ ὄνομα ὁ ‘ἄνθρωπος’ ὅτι τὰ μὲν ἄλλα θηρία ὄν ὄρα οὐδὲν ἐπισκοπεῖ οὐδὲ ἀναλογίζεται οὐδὲ ἀναθρεῖ, ὁ δὲ ἄνθρωπος ἅμα ἐώρακεν—τοῦτο δ’ ἐστὶ τὸ ‘ὄπωπε’ —καὶ ἀναθρεῖ καὶ λογίζεται τοῦτο ὃ ὄπωπεν. ἐντεῦθεν δὴ μόνον τῶν θηρίων ὀρθῶς ὁ ἄνθρωπος ‘ἄνθρωπος’ ὀνομάσθη, ἀναθρῶν ἃ ὄπωπε.

AUBENQUE, Pierre. “Aristote et le Langage” IN *Problèmes Aristotéliens*. I Philosophie Théorique. Paris: Vrin, 2009.

BERTI, Enrico. *Contradição e dialética nos antigos e modernos*. São Paulo: Paulus, 2013.

BRISSON, Luc et PRADEAU, Jean-François. *Dictionnaire Platon*. Paris; Ellipses, 2007

FATTAL, Michel. *Le Logos et les origines de la philosophie en Occident: Héraclite et Parménide*, acessível dia 06 de janeiro de 2022 em https://academiesavoie.org/images/discours/Le_logos_et_les_origines_de_la_philosophie_en_occident_m_fattal.pdf

LAURENT, Jérôme. *L’Animalite de L’Homme selon Platon* IN Archai, 2013, n.11, jul-dez, p. 79-90.

LEAR, Jonathan. *Aristóteles: o desejo de entender*. São Paulo: Discurso editorial, 2006.

PLATÃO. *Fedro*. 229 e – 230 Tradução e apresentação José Cavalcante de Souza; São Paulo: Editora 34, 2016.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2015.

PLATÃO. *República*. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2016.

PLATÃO. *República*. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1987.

PLATÓN. *Crátilo*. Introducción, versión y notas de Ute Schmidt Osmanzik. México D. F.: UNAM, 1988.

PLATONE. *La Repubblica*. A cura di Mario Vegetti. Milano, BUR, 2010.